

PANORAMA ECONÔMICO



MÍRIAM LEITÃO

Real e especulativo

• O real sofre um ataque especulativo em pleno regime de câmbio flutuante. Não há o que a política monetária possa fazer. O mercado tenta se proteger do fim da conta CC-5 anunciado por Ciro Gomes. Ilan Goldfajn foi tirado das férias para a missão que negociará com o FMI. A economia real segue seu curso: foi anunciada a criação da maior empresa petroquímica da América Latina.

Há várias explicações para o ataque de nervos do mercado ontem.

— O mercado está 'precificando' o risco Ciro, a meu ver, de forma exagerada. — diz Gustavo Loyola, da Tendências.

Para Nathan Blanche, o mercado está dizendo, em números, que está com mais medo do Ciro que do Lula.

— O Risco-Brasil com o fator Lula foi para 1.700. Com Ciro, está indo para 2.200 — diz.

Mas, além de fatores psicológicos, o que está acontecendo tem razões até físicas. A declaração de Ciro Gomes, na entrevista da Globonews, de que pretende fechar a conta CC-5 está provocando fatos concretos. As linhas de crédito reduziram-se ainda mais, as remessas de lucros e dividendos aumentaram e quem exporta não quer trazer o dinheiro.

Nada que já não estivesse acontecendo antes.

— Em junho, as remessas de lucros e dividendos foram muito mais altas do que normalmente. Isso, em parte, está acontecendo pelo pré-pagamento de dívidas. Empresas estão recomprando antecipadamente a própria dívida, para reduzir o risco cambial — explicou Nathan.

Pedro Thomazoni, do Lloyds, lembra que, até o fim do ano, as empresas terão muitas dívidas a pagar lá fora e isso está aumentando a pressão sobre o dólar.

É o que acha também Luís Carlos Costa Rego, da Sulamérica Investimentos.

— A alta do dólar está mais ligada ao que as empresas vão ter que pagar do que à especulação.

Gustavo Loyola acredita que está havendo uma espécie de ataque especulativo, ainda que o fenômeno seja próprio do câmbio fixo.

Normalmente, o câmbio flutuante traz em si os mecanismos da sua estabilização. Quando o dólar dispara, aumentam as exportações, reduzem-se as viagens, diminuem as importações. E isso tem efeito positivo no balanço de pagamentos.

— Com o nervosismo atual, a capacidade de autocorreção do mercado diminui muito — diz Gustavo.

Diante das crises cambiais da época do câmbio fixo, o Banco Central elevava os juros. Ontem, já apareceram defensores da medida.

Nathan Blanche acha que subir juros é um erro.

— Não há o que a política monetária possa fazer agora. O que está acontecendo não tem razões macroeconômicas, não há sinais nos indicadores antecedentes que possam ser enfrentados com juros mais altos. Até porque os juros de financiamento já estão em 28% ao ano. Se elevar os juros básicos agora, o Banco Central só vai aumentar o custo de rolagem das LFTs — diz Nathan.

O governo anunciou, no fim do dia, a ida de uma missão negociadora ao FMI, dentro daquilo que o presidente do Banco Central, Ar-

mínio Fraga, havia anunciado na sexta-feira.

O mercado se animou demais com a expectativa criada pela vinda de Anne Krueger. Ficou decepcionado com a entrevista do ministro Pedro Malan negando o acordo. E passou ao início de pânico com a declaração de Paul O'Neill. Foram três erros de avaliação.

Primeiro, quem entende minimamente os rituais do FMI sabe que Krueger não vinha assinar nada. Acordos são precedidos de missões negociadoras, como a que embarca hoje para Washington.

Segundo, oito anos depois, todos já deveriam conhecer Pedro Malan. Ele acha que só pode anunciar o que está sacramentado. Processos em cursos jamais são comentados.

Terceiro, Paul O'Neill está mais para bobo da corte. Até hoje só fez declarações desastrosas, as quais tenta corrigir antes que elas completem 24 horas, como aconteceu desta vez. Tem sido tratado como uma nulidade pela imprensa americana pela sua dificuldade, até, de entender a atual crise da economia dos Estados Unidos.

— O'Neill é o sujeito errado, no lugar errado, na hora errada — resumiu Gustavo Loyola.

A ansiedade do mercado, as evasivas de Malan, a declaração desastrosa de O'Neill e o anúncio de Ciro Gomes de que vai fechar a CC-5 juntaram-se ontem e produziram a explosão do dólar e do Risco-Brasil.

— Acabar com a CC-5 é um erro, porque ela é a conta mais fiscalizada do mundo. Acima de US\$ 10 mil, toda operação tem que ser identificada. É o caminho pelo qual o Ministério Público tem conseguido pegar dinheiro ilícito. Se for fechada, o dinheiro sai pelo paralelo e ninguém fica sabendo. Antes da CC-5, cidadão honesto, para fazer uma operação honesta, tinha que ir ao cambista. Fechá-la é acabar com o direito de ir e vir do capital e aí ele não vem — diz Nathan Blanche.

Enquanto o mercado financeiro discute problemas reais ou imaginários, a economia brasileira tenta continuar operando.

Ontem, o grupo Odebrecht anunciou a formação de um supergrupo com a fusão de todos os ativos de segunda geração da Odebrecht e do grupo Mariani na Copene.

— Somos o maior da América Latina e relevantes no mundo. Não estamos jogando na segunda divisão — diz José Carlos Grubisich, responsável pela reestruturação societária da Braskem.

Ontem também, o presidente da Light, Michel Gailard, anunciou que está deixando a presidência executiva da empresa.

— Mas a EDF ficará no Brasil. Acaba de ser feita uma capitalização de US\$ 1 bilhão na empresa — contou ele.